

NOTAS SOBRE A DISTÂNCIA

ALINE MORAES

Artista visual e pesquisadora. Mestra em Poéticas Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Graduada em Artes Visuais com Ênfase em Computação Gráfica pela Universidade Tuiuti do Paraná e pós-graduada em Artes Híbridas pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Sua pesquisa parte da construção de imagens que emergem da pedra em processos litográficos e a pedra e suas passagens de estados no tempo e no espaço.

O texto “Notas sobre a distância” propõe uma reflexão sobre o processo litográfico como meio para a construção de imagens que emergem da pedra, buscando fluxos de tempos infinitos a partir das sedimentações da pedra. Percursos cruzam meus pensamentos quando redescubro a pedra e meu objeto de trabalho ao investigar esse fluxo da vida e os instantes, entre distâncias e aproximações, há movimento, imagens são movimentos.

distância,
pedra,
imagem,
tempo.

Distância, uma medida que separa dois pontos, o comprimento entre as possíveis trajetórias sobre a superfície partindo de um ponto e atingindo o outro. 22 linhas separam a palavra distância em um dos nove ensaios sobre a distância de Carlo Ginzburg¹. O que cabe de um ponto a outro? Poderia medir os pontos com uma fita métrica, mas me interessa percorrer os espaçamentos entre os pontos, mergulhar no abismo do espaço, ficar diante da quase imagem que surge naquele espaço não mensurado.

Olhar para o espaço vago entre dois pontos é abrir uma fenda, provocar rachaduras, procurar origem, procurar o nascimento da imagem. O que surge entre dois pontos?

9.426 km separam pedras da Alemanha até Brasil. Milímetros separam o atrito entre duas pedras, é preciso realizar um apagamento da imagem anterior para construir uma nova imagem na pedra matriz da litografia. No processo de granitação depois de algum tempo, se torna cada vez mais difícil performar o movimento ∞ (infinito), o material cinza, o *carborunbum*, se transforma em um material mais leve. Uma fina camada de calcário é descascada da superfície da pedra durante este processo, criando uma lama e fazendo com que duas pedras grudem uma na outra. Quando as duas pedras aderidas se desprendem, é possível observar uma textura interessante, lembrando galhos ou estruturas orgânicas que logo desaparecem com a água (Figura 01 e 02).

Ao terminar este processo, a matriz está limpa, pronta para ser reutilizada novamente. Em apenas alguns segundos, visualizamos não apenas uma ausência de imagem, mas imagens nas quais é possível ver a memória da pedra, ver no visível o invisível, ver atravessamentos de tempos, ecos de um passado. Quantos tempos cabem em uma distância de sedimentações da pedra?

O presente das coisas passadas, o presente das coisas presentes, o presente das coisas futuras, surge no deslocamento. Entre distâncias e aproximações, há movimento, imagens são movimentos. Os tempos são emaranhados, é preciso percorrer as diferentes camadas de superfície, as possíveis trajetórias sobre a superfície, os espaços.

1 O historiador Carlo Ginzburg em seu livro *Olhos de Madeira - Nove Reflexões Sobre a Distância*, mostra através de digressões que é impossível contar a história da civilização europeia sem falar de seus contatos com outras civilizações.



FIGURA 01.
ALINE MORAES. SEM TÍTULO | DRUCKWERKSTATT BERLIN | KUNSTRAUM KREUZBERG/
BETHANIEN, 2018. FOTOGRAFIA. FONTE: ACERVO PESSOAL.



FIGURA 02. ALINE MORAES. SEM TÍTULO | DRUCKWERKSTATT BERLIN | KUNSTRAUM KREUZBERG/BETHANIEN, 2018. FOTOGRAFIA. FONTE: ACERVO PESSOAL.

Referências Bibliográficas

GINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira: Novas reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.